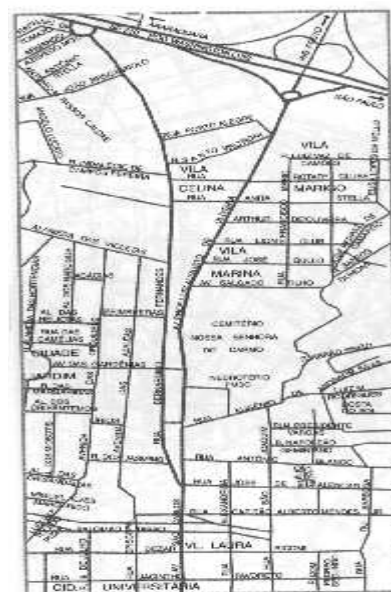


A memória do olhar (ou O olhar da memória?): um estudo sobre a cidade*

Por Maria Inês Rauter Mancuso**



São Carlos

Na década de 90, interessada em organizar informações para meu doutorado, entrevistei velhos moradores¹ de Itirapina, São Carlos e outras cidades da região central do Estado de São Paulo, com o objetivo de buscar a representação da cidade e de sua construção na memória. Não pretendia conhecer a história dessas cidades, mas perceber as impressões que os processos históricos deixaram impressas na memória. Neste texto, apresento algumas dessas impressões, em especial aquelas que se traduzem em imagens.

Visões da cidade

A cidade é um lugar e um conjunto de lugares. Da cidade, o lugar, por excelência, é o corpo. Para Mauss (1974), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O (...) primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo.” (p.217) Essa percepção do corpo justifica o estudo sobre as técnicas corporais: “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos” (p.211). Técnica é “um ato tradicional eficaz (...) Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (p.217). Assim como os homens aprendem a usar o seu corpo técnicas da respiração, da marcha, da maneira de se manter em pé, de reprodução, do consumo, de natação, do sono, todas técnicas provenientes da sociedade a percepção do mundo, pelos sentidos, é um processo social e, desta forma, o homem se apropria do mundo e o seu corpo se transforma no lugar onde muitos outros lugares, relações e tempos se encontram.

Para Durkheim (1989), o corpo é fator de individualização, posto que os corpos não só são distintos uns dos outros como também, ao ocupar pontos diferentes no tempo e no espaço, constituem o meio no qual as representações coletivas vêm se colorir diferentemente. A memória individual vai ser assim um ponto de vista da memória coletiva. Os relatos ouvidos sobre a cidade são relatos individualizados; revelam o ponto de vista individual sobre a cidade. Não são menos sociais, porém, na medida em que o indivíduo é construção social, e na medida em que a representação individual é um ponto de vista da representação coletiva.

Para Pollack (1992), o sentimento de ter fronteiras físicas, isto é, um corpo, e limites temporais, saber-se finito e ter uma história, é essencial na construção da identidade pessoal.

O corpo é um lugar: identitário, como afirma Pollack, e relacional. Por ele, relacionamo-nos reciprocamente. Por ele, ouvimos os sons da cidade, sentimos os seus cheiros, os seus sabores, vemos as suas ruas, os seus monumentos, as suas pessoas, e nele, por representações e procedimentos aprendidos socialmente, conferimos significado aos sons,

*Este texto originou-se da tese de doutorado em Sociologia apresentada, em 1998, ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. Reginaldo Prandi. O título da tese é *A cidade na memória de seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores.*

1-Entrevistei 30 velhos moradores, entre homens e mulheres.

aos cheiros, aos sabores, às imagens, às sensações táteis. E tudo isto, porque são representações, nos suscitam outras representações afetivas, intelectuais ou valorativas.

A cidade se mostra ao olhar, e esse é o sentido mais claramente e mais freqüentemente explicitado quando se fala dela. Da cidade se fala por imagens e essas vêm associadas ao olhar. Da janela de sua casa, que ficava na mais importante avenida de São Carlos, paralela ao antigo Picadão de Cuiabá, o Prof. Nelson via a cidade que acontecia nas ruas, como se a cidade fosse um teatro e as ruas, o palco: os desfiles, o corsos carnavalescos, as procissões, os estudantes e os bondes: uma das linhas em direção à Santa Casa, a outra em direção ao cemitério. A janela integrava a casa à rua, era o limite entre o espaço pessoal e o coletivo e, nesse limiar, era preciso agir com respeito. Portas e janelas estabelecem o limite entre a casa e a rua:

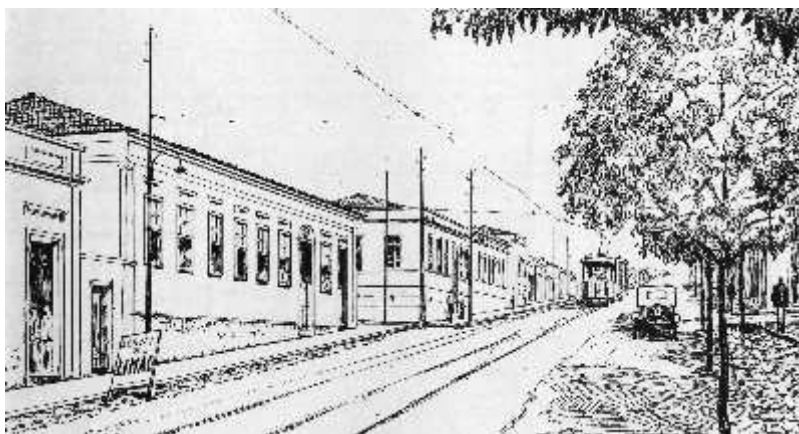
Janelas, janelas que significam para nós? Apenas uma abertura na parede a fim de penetrar o ar e rarefazer o ambiente? (...) Acontece que eu tive uma janela particular, somente minha. Embora simples e cômoda, deixou indeléveis recordações. Ficava em um prédio tipo “chalet”, na Avenida São Carlos, em frente ao antigo açougue do velho Thomaz (...) Desse lugar eu via tudo o que se passava na rua. (...) Desfiles, corsos carnavalescos, passeatas de protestos, procissões, brigas correrias, estudantadas, cachorros vira-latas, namoros escandalosos (...)

“Antigamente”, ali mesmo na esquina, eram realizadas as procissões de encontro nas madrugadas de Domingo da Ressurreição. O Vigário, do alto da sacada de um sobradinho da esquina da Padre Teixeira (agora demolido), dirigia-se solenemente ao público que, circunspecto, ouvia as palavras esclarecidas (...) O vozerio dos estudantes, o vai e vem das normalistas, a criançada do primário movimentavam de manhã e a tarde aquele quarteirão.

Os bondes subiam e desciam a ladeira (...) enquanto o motorneiro socava o pé na sineta alertando os incautos transeuntes (...)

A minha casa ficava logo abaixo da residência do Prof. Pontes e também era vizinho do Prof. Júlio Bruno.

Acontece que minha mãe não admitia que qualquer dos meninos saíssem à janela sem camisa ou de camiseta. Era falta de respeito, dizia ela (Lima, 1992, p.72/73).



São Carlos antiga

Casa, rua e cidade são os lugares onde se mora, que proporcionam um endereço. Para todos os entrevistados, a aquisição ou construção da casa estabeleceu uma relação íntima e, muitas vezes, definitiva com a cidade². Os entrevistados, em geral, mostravam a casa e dela contavam a história que vinha associada à da família e à do trabalho. Na forma do relato, percebem-se as diferenças de categoria social do informante o que demonstra o quanto a valorização da posse da casa independe da categoria social³.

A compra da casa foi engraçada. Quando eu fui mudar aqui o Carlos falou: “Nós vamos morar aqui dois anos. Depois vamos embora para a Bahia.” E nós íamos pagar 200 cruzeiros de aluguel (...) Eu falei: “Ah! bem, nós vamos gastar à toa. Vamos comprar um terreninho e fazer uma casinha pequena.”

2-“A casa é um elemento de fixação. Daí o papel das vilas operárias na estratégia patronal de formação de uma mão-de-obra estável, das ideologias secundárias ou referentes à família. Le Play e seus discípulos vasculharam as habitações populares; o rigor de suas descrições, preciosa fonte para o historiador, é uma dissecação de condutas” (Perrot, 1995, p.308).

3-Segundo Perrot (1995), o desejo de um lugar e de um espaço para si entre os operários se afirma com força crescente na segunda metade do século XIX (p.316). É nesse período que a casa se torna assunto da família, o lugar de sua existência, seu ponto de encontro. “Encarna a ambição do casal e a figura do seu sucesso. Estabelecer um lar é residir em uma casa” (p.309).

(...). Aí nós estávamos passando naquele terreno nosso, tinha duas jabuticabeiras como eu gostava de terreno que tinha jabuticabeiras! Falei: “Olha que beleza de terreno. E esse aqui, se nós comprássemos esse?” Ele falou: “De quem será?”. Era do Nemésio.(...) Fomos lá: “Seu Nemésio, quer vender esse terreno? Eu gostei dele, quero fazer uma casinha”. “Vendo sim.” “Quanto o senhor quer?” “16.000.” 16.000 ou 1.600? O dinheiro mudou tanto que nem sei mais. Acho que era 1.600. O Carlos pôs a mão no bolso e tinha 1.600. Quando é que hoje em dia você tem o dinheiro para comprar um terreno no bolso? Como mudou a vida, né? Aí nós tratamos a casa por oito contos. Fizemos a casa simples. Depois aumentei para lá, aumentei para cá, fui melhorando (Dona Maria, 87, Itirapina).

São Carlos era bem menor, não tinha essas vilas que formaram. São Carlos era tudo paralelepípedo mas só as ruas centrais. As outras ruas, a maior parte era terra tudo. Aqui a primeira casa feita aqui foi essa minha. Eu chego aqui em 44, e aqui era só campo, daqui para lá era campo, tinha gabirola, tudo. Eu comi gabirola ainda. Eu paguei aluguel nove anos.(...) Depois construí essa casa, eu e um pedreiro. Casa eu nunca tinha feito. Mas depois interessava para o Bento Marino fazer a casa para mim que ele também não era pedreiro oficial, mas trabalhava bem de pedreiro porque eu pagava aluguel para ele, e tinha uma lei que dizia que não podia aumentar aluguel enquanto o inquilino estivesse na casa, só podia aumentar aluguel quando mudasse o inquilino. Aí interessava eu sair para ele alugar mais caro. Quando eu comprei o lote aqui ele falou: “Você vai construir lá, Calvin?” “Olha Bento, está difícil construir porque o que eu tinha de dinheiro eu dei



Prefeitura Municipal de São Carlos

na entrada do terreno, o resto ficou a prestação” (...). O Bento me propôs: “Eu te faço por quatro contos a casa, mas sem forro, sem assoalho, ladrilhada de tijolo”. “Podendo entrar dentro está bom.” “Você tem o cunhado que empresta o material. Você tem férias no bonde?” “Tenho, tenho 23 dias de férias e está vencida.” “Você quer fazer a casa? Você me dá dois contos quando eu te dar a casa pronta para você entrar dentro, depois dois contos você me paga com o que sobrar do pagamento.” (...) Esse meu irmão que está no sítio veio dar uma mão. No dia em que entrei de férias

nós três começamos a trabalhar e em 23 dias levantamos a casa. Eu nunca tinha feito casa. (...) A metade dos tijolos desses quatro cômodos eu assentei. Depois quando foi para assentar o batente das portas, comprei madeira e fiz os batentes. Fui eu mesmo que serrei os batentes, montei os batentes, as portas. Meu irmão era também curioso como eu e me ajudou. Falei para o Bento: “Você que tem mais prática tira a receita da madeira que eu vou mandar vir madeira.” Tirei a receita, fui lá na Serraria Santa Rosa, comprei a madeira. No último dia das férias acabamos de madeirar, pinchamos as telhas em cima. No outro dia voltei para o bonde. Instalação elétrica fui eu quem fez, assoalho fui eu quem fez, forro fui eu quem fez, metade dos tijolos fui eu quem assentei, eu pintei aqui e ali. Depois eu aumentei essa parte, uns quatro anos depois. Essa parte aqui eu aumentei. Fiz o banheiro, nem bem banheiro, porque aqui não tinha nem rede de esgoto. Na cidade tinha, mas no arrebalde não. Não tinha rede de esgoto nem rede de água. A rede vinha até aqui na esquina, quando fizemos a casa então falamos com a prefeitura que disse que nós comprando os canos nós éramos quatro que havíamos feito casa a prefeitura mandava fazer o encanamento.(...) Meu lote aqui é de 11 de largura por 44 de fundo. Tenho pouca horta, o pouquinho de horta é no quintal dessa minha filha (Senhor João, 90, São Carlos).

4- “O desejo de um canto para si expressa um crescente senso de individualidade do corpo e um sentimento do indivíduo levado pelos escritores até os limites do egocentrismo” (Perrot, 1995, p.321).

A casa onde se viveu e se criou a família é a casa de pertinência, e quando se vende e se muda dela, ela continua sendo a “minha casa”⁴.

Morei na Rua XV de novembro em frente ao Mário Dotto, um armazém. Depois morreu a mulher, vendi a casa. Aí vim para cá, na casa de minha filha. Estou aqui há 30 anos. Gostava de morar lá. É mais no centro. Aqui não tem novidade nenhuma. Lá na minha casa era muito melhor. Aqui me tratam bem mas não é como na casa da gente. Pronto, acabou a história. Lá era melhor. Tinha muitos conhecidos. Aqui não passa ninguém. Passa um, dois. Pronto, acabou a história (Senhor Carlo, 100, São Carlos).

As pessoas me perguntam se mudei de casa. Eu não mudei. Minha casa continua aquela. Ela continua do jeitinho de sempre. Outro dia ainda vi as toalhinhas da Dona Aracy. Minha filha pode vir para cá e ficar lá. Na partilha fiquei com um pouco menos de um terço. A casa é importante (Senhor Luiz, 89, Itirapina).

Algumas casas da cidade vêm associadas às famílias que as construíram e a lembrança do nome da família é sinal de distinção. As casas, em São Carlos, das quais se lembrou o nome da família a elas associado são os antigos casarões da época do café.

Você lembra, Diógenes, que saindo da Prefeitura Municipal, aonde começava o Centro de Saúde, a tinha uma casa até na esquina? Saindo da Prefeitura, aqui tinha o serviço de saúde, depois não tinha essa casa onde moravam os Mata? (...) Eu me lembro que depois da Prefeitura tinha um casarão onde morava a família Matos. Porque ali tinha uma casa, eu me lembro (Dona Betina, 87, São Carlos).

Tinha mamãe, tinha também na outra esquina a casa que era da família Ferreira, onde hoje é o Hotel Caiçara, daquele dono da padaria. Naquela esquina tinha também um casarão. Lembra que a gente vinha lá da Alexandrina, a gente subia a pé, e vinha para a missa, passava em frente a esse casarão? O casarão dos Botelho, o casarão onde funciona o INPS (Dona Lurdes, 65, São Carlos).

Na outra tinha também a pensão da Rosinha, que era um casarão desse tipo. Ainda para o lado de baixo, na Major, tem um casarão enorme que está sendo aproveitado que é desse estilo (Senhor Daniel, 65, São Carlos).

Às casas distintas se opunham as casas consideradas inferiores, localizadas em bairros ou em ruas igualmente inferiores, associadas não só à pobreza, mas também à cor dos habitantes e ao jeito de viver:

Ali tinha um lugar também excomungado. Era o Cinzeiro, lembra? Ali era um lugar execrado pela opinião pública porque lá foi parar um bando de crioulo, uma negrada que tinha lá e uns caras que viviam assim à míngua, meio marginais. Eram umas casinhas lá, e ali viviam aquele grupo de caras que eram



Catedral de São Carlos



Escola Normal

assim ostensivos. Tinha uma vida desregrada, muita anarquia, muita farra, muita cachaçada. Era um lugar em que ninguém gostava de passar. Hoje é um bairro caríssimo, o preço do metro quadrado é um dos preços mais altos da cidade. O lugar onde habitavam, uma meia dúzia de barracos, de casinhas, seria uma favela. Prostituição... (Senhor Daniel, 65, São Carlos)

Como foi um tempo atrás o Tijuco Preto, esse bairro aqui onde hoje está o cemitério em direção à Universidade. Ali era um fuzuê danado, um outro Cinzeiro. Era fim de linha. Não era zona de prostituição só, era tudo (Dona Lurdes, 65, São Carlos).

Assim como as casas, as ruas também eram distinguidas moralmente. Havia as ruas interditas às mulheres de “família”, às mulheres “sérias”: *Aqui na Rua São Joaquim era zona de meretrício. Pedaco que mulher séria não podia passar. Era Marechal Esquina da Padre Teixeira e esquina da São Sebastião* (Dona Betina, 87, São Carlos). Havia também pontos interditos em ruas não interditas, interdição que, como a outra, não se aplicava aos homens: *Em ponto de táxi eu não passava. Porque a gente era molestada. Ponto de táxi não era lugar para mocinha passar. Tinha assim esse boato, que não se sabia de onde vinha, que não se podia passar em frente de táxi* (Dona Lurdes, 65, São Carlos).

Porque uma mulher sozinha dificilmente caminhava à deriva. Quando uma mulher estivesse caminhando sozinha se supunha que ela era uma mulher de vida fácil. As pessoas saíam sempre uma mulher mais uma e uma mulher mais um homem mas sozinha já era alvo de comentário, todo mundo já queria saber de quem se tratava, pois sendo a zona de meretrício dentro da cidade, as mulheres da vida iam pegar táxi para fazer programa (Senhor Daniel, 65, São Carlos).

Alguns destacavam, na cidade da infância, a rua onde haviam passado a infância, o que lhe conferia *vida e coração*:

A minha rua era a rua Marechal Deodoro entre a rua São Carlos e a Episcopal. Não era calçada. Ali reunia a molecada e jogava bola de meia, e perna de pau. Terra batida, boa para jogar bola de meia, bolinhas de vidro, brincadeiras, também contava aventuras, então reunia os rapazes, era tudo mentira, um contava, inventava, era ali a minha rua. A rua que tem vida e coração. A vida nossa de criança (Prof. Nelson, 91, São Carlos).

O calçamento das ruas faz parte das lembranças de São Carlos e de Itirapina. Das ruas de São Carlos, os entrevistados se lembram que as centrais, por onde passava o bonde, eram calçadas com paralelepípedos. *As outras ruas, a maior parte, era terra tudo*, em especial os bairros mais afastados e de trabalhadores, como a Vila Prado.

Quando eu casei e vim para cá São Carlos não era pequeno. Vila Prado era campo, cerca de pinhão, areião, água de poço, a igreja era pequena. Na cidade já tinha bonde. (...) Quando viemos para cá em 35, na Vila Prado, onde nós morávamos numa rua tinha três casas, para cá mais três. E tinha poço. Para nós era separado, tinha um poço para nós, fundo para danar. E lá nas outras casas tinha um outro poço. Agora para você ver como eram as coisas: nesse outro poço, quando era tempo de água mesmo, eles pegavam água com a caneca e nós não o poço era fundo para danar (Senhor Pedro, 87, São Carlos).

De Itirapina, é freqüente a lembrança do areião, ainda na década de 40, o que dificultava o trânsito de carroças de burro. O calçamento de paralelepípedos foi novidade:

A primeira lembrança que tenho quando cheguei em Itirapina é que aqui não era calçada. Eu estranhei. Eu vim com o sapato bem engraxado lá de São Carlos, no atravessar a rua o sapato ficou branco. Isto que eu lembro. A luz elétrica era bem deficiente. Um tomatinho, como diz, a iluminação era um tomatinho nos postes. Acendia as luzes da cidade, só clareava em volta dos postes, De um poste a outro no outro quarteirão era tudo escuro (Senhor Hugo, 77, Itirapina).

Calçaram a avenida com pedra. Foi uma novidade para a cidade. As ruas eram areia. Chegava a atolar carroça. Elas vinham aqui pegar mercadoria no armazém da Paulista chamava-se Próprio, aí vinham os trens de carga onde descarregava a mercadoria. Vinham as carroças do Nicolino Sferra, Nicola Pichiani, carroças de 5 burros. O Nicolino tinha sete. Se não, atolava na rua, por causa do areião. A carroça do Nicolino tinha sete burros. O nome dos burros sou capaz de me lembrar (Senhor Miguel, 74, Itirapina).

O areião fazia parte das brincadeiras infantis: transformava as ruas, o jardim e a praça de igreja em grandes locais de diversão:

Itirapina na época da minha infância era um areião, era pura areia. Não tinha calçamento. Depois puseram paralelepípedos na rua. Eu gostava de fazer forninho. Enfiava o pé dentro da areia, punha água e fazia aqueles forninhos. Tirava o pé e ficava aquele forninho redondinho assim. Tinha aquelas cercas de pinhão paraguaio. Era muito diferente Itirapina. Agora que está mais bem tratadinha, melhor. Mas era diferente (Dona Lúcia, 80, Itirapina).

Nas ruas, como um teatro, estudantes e trabalhadores eram personagens cotidianos. Para além do cotidiano, porém, aconteciam as procissões *La muito nas procissões. Naquele tempo tinha procissões muito bonitas. O meu pai era muito religioso e toda comemoração que tinha na Semana Santa a gente ia. A gente ficava esperando a Semana Santa para acompanhar as procissões* (Dona Carla, 80, São Carlos). Aconteciam os desfiles dos circos e os Carnavais. O Carnaval suspendia a interdição de que mulheres de meretrício as da Rua São Joaquim se aproximassem das mulheres “de família”.

O carnaval em São Carlos era carnaval de emendar automóvel um no outro. Com serpentina. Os automóveis emendavam um no outro e as mulheres da Rua São Joaquim se aglomeravam e pegavam os carros, tudo descoberto. Elas se enfeitavam e vinham fazer o corso junto com as

famílias. Elas entravam no meio. Todo mundo aceitava. Elas jogavam serpentina. Era tudo igual. Eram dois, três carros, enchiam de mulher e elas então se enfeitavam e vinham ali alegrando e todo mundo gostava. E nessa época, havia um, não me lembro o nome, um tipo assim alegre. Ele se vestia de caipira pegava um cavalo magro um laço amarrado no cavalo puxando um cachorrinho no barbante descia a avenida São Carlos durante o Carnaval daqui a pouco eu me lembro o nome dele era o chamego do carnaval, era o fulano que vinha a cavalo magro, um laço, o caipira que descia cavalgando um cavalo magro, aparecendo os ossos. Mas era tanta coisa. Eu, moleque naquele tempo, circo, então vinha o circo, o circo desfilava pela avenida São Carlos, os animais que eram feras vinham nas jaulas, os cavalos, aquilo tudo e vinha os palhaço dançando nas ruas, os artistas. “O palhaço o que é, é ladrão de mulher”. Que alegria! Às vezes eu fico sozinho lembrando das coisas, eu escrevo (Prof Nelson, 91, São Carlos).

Todo mundo aceitava, mas com limites, porque as mulheres continuavam a ser reconhecidas como diferenciadas das mulheres “de família”:

No dia do carnaval, quando eu era noiva, eu vim passar o carnaval aqui e o carnaval era uma beleza aqui dentro de São Carlos e nós estávamos com um caminhão muito grande da agência Ford, bastante serpentina, tinha caixas de serpentina, e aqui na frente da igreja, que é essa aqui que chegava na frente, tinha uma mulherada daquelas, e eu joguei lança-perfume, que o meu lança-perfume era de meio litro. E eu espirrei na mulher, caiu nos olhos dela e ela me xingou de filha da puta. E aqui eu joguei serpentina neste canto que só vendo (Dona Betina, 87, São Carlos).

Algumas ruas de São Carlos eram passagem de boiadas e de leprosos, estranhamente próximos nas lembranças de dona Betina os dois a fazer o mesmo percurso, *daqui para lá*, os dois a dar medo, os dois, sem saber de onde vinham, iam ou para o matadouro ou para o leprosário que ficavam *lá*, em uma mesma direção.

A boiada passava ali, a gente morria de medo. A gente via a poeira de longe e gritava; “Mãe!” A casa tinha uma gradinha a gente ficava ali para esperar a boiada. Aqui, nesse outro quarteirão, tinha um barzinho que um boi uma vez entrou dentro do bar acabou com o bar, quebrou tudo. Não deu tempo do homem abaixar a porta do bar. Para esse bairro, era passagem da boiada (Dona Lurdes, 65, São Carlos).

Um dia eu tinha ido na igreja, tinha ido comungar, fiquei de costas para lá. Quando o meu marido veio abrir a porta, o boi estava atrás de mim. Eu pulei a cerca, eu pulei a grade, fui cair num pé de cedrinho. Aquele mundo de boi, eu tinha medo, tinha um pavor que só vendo, porque os leprosos também vinham para cá. Eles tinham uma casa aqui embaixo, daqui eles saíam para pedir esmola. E eu morava, não tinha casa nenhuma em volta. Eu morava na segunda casinha. Aqui na frente morava um senhor que trabalhava na oficina dos bondes e tinha uma horta muito grande. Eu morava na outra casa, numa casinha ali. Dali eles iam para lá, não sei aonde, mas os leprosos vinham de cá para lá e a boiada também vinha daqui para lá (Dona Betina, 87, São Carlos).

O prof. Nelson, em memória escrita, precisa o *aqui* e o *lá* da boiada: da estação ferroviária, pois a boiada chegava de trem, não se diz vinda de onde, descia em São Carlos e, pela ruas, ia até o matadouro:

São Carlos, como outra cidade qualquer, também já teve suas boiadas atravessando as ruas mais distantes do centro, rumo ao matadouro, assustando todo mundo. Qualquer cidade possui o seu matadouro, seja ele

pequeno e simples ou grande com todos os requintes de higiene.

Lembro-me ainda, já vai longe, quando as boiadas seguiam seus antigos caminhos rodeando a cidade. Saindo dos vagões de gado da Estrada de Ferro Paulista, seguiam pela rua Santa Cruz, depois rua Rui Barbosa ou São Paulo, seguindo pela Avenida Carlos Botelho até o Posto Zootécnico, onde quebrava a esquina tomando a estrada para Araraquara, até o pasto próximo ao matadouro, onde descansariam por algum tempo até a hora do sacrifício (Lima, 1992, p.81).

Localizada a lembrança no espaço e no tempo um tempo que *já vai longe* e, para quem o lê, ainda impreciso vem o relato do fato principal: a corrida de um boi, a dar medo, a levantar a poeira das ruas não calçadas, olhada, apreciada, esconjurada pelas pessoas através das janelas, nas ruas repletas dos gritos dos boiadeiros. Um espetáculo a ser visto, a ser ouvido, a ser sentido na poeira que entrava pelas narinas, nos olhos e na pele, a inquietar, a dar medo.

Às vezes, durante o trajeto, um dos bois se enfezava ditando-se no chão. Ali empacado, era judiado e espancado pelos peões que davam-lhe nós na cauda fazendo com que se levantasse. O animal, já muito sofrido, saía desembestado pela rua à fora, perseguido pelos “heróis” boiadeiros que gritavam a todos pulmões:

- O boi é bravoAí vem a boiada... cuidado moleque ... saia da rua ... olha velhote, cai fora que o boi te pega ... vai daí moça ...

Todo mundo se recolhia, entrando em portões e portas para fugir do perigo. As portas se fechavam e os curiosos apreciavam tudo das janelas, desconjurando aquele espetáculo que se repetia constantemente. A poeira era de amargar. Poucas ruas eram calçadas e ainda cheias de buracos (Lima, 1992, p. 81/82).



Palacete do Conde do Pinhal

Aí, no final do relato, a passagem do tempo, e o fim do matadouro e das boiadas, sem se saber porque e o início da saudade, esse “sentimento unificador que transporta para o presente a imagem do ausente” (Pais, 1996, p.28), de um sabor divertido que ficou do que antes era esconjuro.

O tempo foi passando, fecharam o matadouro e acabaram-se as boiadas.

Conversando certa vez com um amigo, dizia ele todo saudoso:

- Tenho saudades das boiadas que passavam por aqui. Era divertido ouvir os gritos histéricos dos boiadeiros, o mugido dos bois e do som do “berrante” que ecoava ao longe (Lima, 1992, p.82).

O fim do matadouro e das boiadas acontece, nas lembranças do prof. Nelson, com o passar do tempo, o tempo magicamente transformando tudo assim como, em outras memórias, resolvendo tudo. O senhor Pedro, ferroviário, porém, vai lembrar das mudanças no transporte dos bois: com caminhões, toda e qualquer mercadoria poderia ir da porta para a porta. O fim das boiadas pelas ruas e dos matadouros se associa ao começo dos fim das ferrovias e com o início do tempo dos caminhões e dos frigoríficos:

O trem de manobra levava mercadorias em vagões para as cidades. Em cada cidade tinha que manobrar, tirar o vagão, por no armazém, fazer descarga, carregamento. O trem de passageiro também levava encomenda, mas tinha o trem próprio para isso. Naquela época era a única forma de mandar encomendas. Mas depois fizeram uma linha de ônibus que saía lá de

Colômbia, para lá de Barretos, que saía paralela com a ferrovia. No tempo da Paulista tinha seis trens G2, G4, G6, G8, G10, trens de gado, às vezes tinha o G12, saía de Rincão, nós íamos buscar o trem lá em Rincão daqui de São Carlos. Saía um trem quase atrás do outro. Nós íamos parar lá em Rio Claro. Em 60, 62, foi encampada a Paulista, o Governo encampou, porque estava dando déficit. Ninguém queria fazer mais esse transporte, porque pegava lá em frigorífico o gado, levava lá diretamente, pegava e descarregava. Já com trem não dava para fazer isso. Com o caminhão o transporte ficou mais fácil, pegava na porta e levava na porta da casa e acabou com a Paulista. E o que a Paulista fez em cem anos, em dez anos o governo acabou com ela. Dá dó, viu?! (Senhor Pedro, 84, São Carlos).

Como em *outra cidade qualquer*, em Barretos e em Itirapina também as boiadas passavam pelas ruas. As boiadas integravam os estados e as cidades pela ferrovia e integravam lembranças: dos que as viram e dos que as podem apenas saber, sentir e imaginar. Uns e outros se relacionam pela presença da boiada na memória, pela narração que remete a outro tempo.

Em Barretos, os bois vinham de Minas, de Goiás, de Mato Grosso. Vinham por ter-ra, atravessavam o Rio Grande e vinham tudo para o frigorífico. As boiadas passavam pela cidade. De vez em quando estourava uma boiada dentro da cidade, fechavam todas as casas. Depois te conto aqui em Itirapina.(...) Depois que eu vim para cá, gente muito antiga daqui contava. (...) As boiadas vinham desse lado. De Ribeirão Preto, Porto Ferreira, Piraçununga, de Minas. Quando a boiada vinha vindo a uma distância mais ou menos, vinha um boiadeiro na frente, um peão. Então ele chegava e ia na estação. Aqui tudo não tinha casa e não tinha nada. Ele ia e falava para o chefe da estação: “Daqui tantas horas vai passar uma boiada: são dois, três mil bois”. Então ele já contava o tempo certinho, a hora que passava aqui. Sabe o que o chefe da estação fazia? Ele combinava com o movimento de Bauru. Naquele tempo o movimento da quarta divisão da estreita era Dois Córregos. E da larga era São Carlos. Então o que eles faziam: Itirapina não soltava trem, e os trens que vinham de São Carlos seguravam em Estrela, e os trens que vinham de Bauru seguravam em Campo Alegre. Para passar boiada. Atrasava os trens mas não tinha importância, porque não podia matar a boiada ou espantar. A boiada passava aqui, virava pela rua sete, da sete virava para a avenida nove e depois descia pela barroca. Ia para Piracicaba, Charqueada, daquele lado, depois que terminava de passar a boiada, aí soltavam-se os trens. Isso há quantos anos! Quando eu vim para cá ainda achei gente aqui que era do tempo que passavam essas boiadas. Esses Rubim. Um dia, conversando com o Angelim, ele disse: “O Chico, eu me lembro, nós éramos moleques, passavam essas boiadas aqui” (Senhor Francisco, 80, Itirapina).

Em uma cidade pequena como Itirapina, dá para se lembrar não só dos bois mas das pessoas que os matavam e vendiam. A morte de um boi era um acontecimento: não se o matava de forma simples; parece, pelo relato, que a rua não era apenas o caminho do boi para o matadouro era o lugar de sua exposição, a sua “via crucis”.

No tempo do Irineu, o pai dele ou o irmão dele, não sei bem, tinha açougue na Rua Cinco com Avenida Cinco, onde hoje tem um posto de gasolina. Ali tinha o açougue do Pompílio. Tinha o Pompílio, o Abílio, o Cristalino, o Zé Firmino Correa que está vivo ainda lá em Rio Claro, tinha o Irineu que é mais velho que o Zé. Então, quando ia matar o boi, a vaquinha, a vaca que foi ou o boi, eles montavam a cavalo e saíam com a vaca na frente, davam a volta na vila. Itirapina não tinha a Fepasa, era aquela vilazinha pequena. Não tinha a Vila Garbí, não tinha nada. Eles saíam com a vaquinha para mostrar que iam matá-la. Naquela época, você ia lá no matadouro, trazia cabeça do boi, trazia coração, trazia bucho, trazia tudo, tudo de graça. Perto do matadouro tinha goiabeira que só vendo. Chamava goiabá (Senhor Pedro,

84, São Carlos).



Antiga Catedral de São Carlos

O jardim de Itirapina e o de São Carlos possuíam o chafariz (o de Itirapina era apenas um vaso colorido) e o coreto, símbolo da cidade interiorana, para o Prof. Nelson (1992), situado no centro e onde se realizavam retretas.

No início desse século, o Jardim Público de São Carlos, em frente a Matriz, já possuía todos os melhoramentos. Bem no centro estava o Coreto caracterizando a cidade interiorana. Próximo à Rua São Carlos um belo chafariz de mármore (...) esguichando até hoje a sua água cristalina. (...) Aos domingos, principalmente ao anoitecer, o povo de um modo geral, procurava esse recanto a fim de ouvir as retretas costumeiras que a todos empolgava. Um dia (...) um burgomestre amanheceu um tanto pensativo e resolveu demolir o antiquado coreto, que era a alegria do povo. (...) E o coreto? E as retretas? Parece que os prefeitos são contra os coretos? Contra as retretas? (...) Vamos torcer para que surja um prefeito que goste e música e de coretos (p.26/27).

O cinema, a imagem animada, era a coqueluche da primeira metade do século:

O pai delas tocava o cinema, o seu Manoel e ele era compadre do meu pai. Durante muitos anos eles tocaram o cinema. Molhavam com esguicho a tela para deslizar bem a fita. A imagem era branco e preto. Era interessante. Engraçado, sabe, quando molhavam a tela sabia que ia começar o filme. Aquela rapaziada que ficava para fora que não queria entrar e sentar, né, quando via que molhava a tela olha que antiguidade, não?! aí todo mundo entrava, aí apagavam as luzes e começava o filme. E toda quinta-feira tinha seriado. Eu assisti muito seriado quando era menina. E passava filmes bons. Aquelas moças do Maneco Padeiro era uma família de bastantes mulheres, tinha umas quatro ou cinco mulheres e dois irmãos só. Tinha o Neco, que era o mais novo e tinha, como chama? Mário? Não! Ah, esqueci o nome. Eram cinco mulheres e dois homens. Juvenal, isto mesmo! Era esse o nome! Eles tinham padaria e tinham o cinema. Uma delas lá tinha até piano. Tinha piano no cinema!. Chic! Mas depois elas largaram e não tocaram mais. O piano ficava à só. Não sei se elas ainda têm o piano. Agora ainda têm três delas aí (Dona Edite, 75, Itirapina).

E depois eu ia muito ao cinema também, porque meu pai era gerente do cinema. Cinema mudo. Durante o dia ele trabalhava na Companhia Paulista e a noite ele era gerente do cinema. Era o Cine São Carlos. Não tem mais hoje. Era aqui atrás do Grupo Paulino Carlos, onde tem uma praça hoje. Lá embaixo onde hoje é Loja Feltrin era o Teatro São José. Meu irmão era o

gerente. Ele trabalhava lá e o meu pai aqui. E a gente ia toda noite no cinema. Entrava de graça. E esse meu irmão que faleceu que naquele tempo tinha orquestra, não era como hoje que tem alto-falante, esses coisas. Era uma orquestra que tocava, ficava em baixo do palco tocando, e o filme passando, mas filme mudo. E o meu irmão, esse que faleceu, era o pianista. Os outros cada um tocava o seu instrumento. (...) Lembro que tinha Tom Mix, Douglas Fairbanks Jr. Theda Bara. Eram aqueles filmes... Quase que eu fui criada dentro do cinema porque eu ia toda noite, No tempo de frisa, camarote, aqueles cinemas antigos. Minha mãe e eu íamos toda noite. O passeio era esse, porque não tinha televisão, nem rádio (Dona Carla, 80, São Carlos).

Lembraram-se as ruas, os clubes, os cinemas, o jardim, a estação, a igreja, os prédios:

Aqui também onde é o Instituto Adolfo Lutz, na Rua Conde, também era uma chácara muito grande. Eles chamavam chácara do Moura. Ali era tudo gradeado também. A gente ia sempre passear na chácara. Era dentro da cidade e os donos permitiam que a gente entrasse e visitasse. Aí foram morrendo os donos, acabou tudo. A Escola mesmo onde me formei era toda gradeada. Tinha umas grades grandes, depois tirou as grades e ficou como é hoje. A parte que mais me lembro é essa aí. E a catedral velha: era completamente diferente; era dessas igrejas antigas, com uma torre só. A gente ia assistir reza. Naquele tempo tinha reza, cantava ladainha. À noitinha, seis e meia mais ou menos, a reza. Então a gente ia para cantar a ladainha em latim. Eu achava uma beleza aquilo. Mas hoje a gente não vê mais isso (Dona Carla, 80, São Carlos)

A igreja era também o espaço da representação, de imagens estéticas que se gravaram na memória. Dona Noêmia e dona Magdalena, da mesma geração, residentes em Itirapina, conversaram lembrando as festas de maio. A mãe do padre fazia rosas de pano. Disse dona Magdalena: *Ela engomava e fazia as rosas para enfeitar a igreja. Quando ela punha brancas eram só brancas, quando punha rosas eram só rosas. Era no ano que o meu pai veio para cá, 37, 38. Em 43 eu me casei. Com as rosas ela enfeitava o altar-mór no mês de maio.* Disse dona Noêmia: *Uma beleza, eu até vejo.* E lembraram o mês de maio: *No dia primeiro entrava um anjo carregando flores na frente da fila do oferecimento de flores e ficava no altar, no dia dois entravam dois anjos; no dia três, três anjos. No último dia já eram trinta anjos. Aí eles subiam no altar para fazer a coroação de Nossa Senhora.* Dona Magdalena apontou a posição dos anjos com as mãos, desenhando no ar o altar-mór. Falou Dona Noêmia: *Nas festas de igreja era a D. Nina que arrumava os anjinhos. A asa, a guirlanda na cabeça. Eu já era um anjo grande.* Sorriu, movimentou as mãos como a arrumar a coroa de flores na cabeça. Era possível até acompanhar a forma e o tamanho da coroa pelo movimento dos braços e das mãos. Concluiu Dona Magdalena: *O mês de maio não é mais assim. Tudo muda. Ficou triste.*

São Carlos e Itirapina aparecem nas lembranças como um conjunto de obras de arte, ou mesmo, como uma obra de arte, tal como Argan (1993) define a cidade. Essa impressão é resumida em uma imagem inusitada de São Carlos:

5- São Carlos foi elevada a sede de bispado em outubro de 1908, quando São Paulo foi elevada a arquidiocese. Nesta época, foram criadas cinco novas dioceses: a de São Carlos, de Taubaté, de Ribeirão Preto e de Botucatu (Neves, 1984, p.62). Segundo o senhor Daniel, esse fato causou inveja na população de Araraquara, confirmando a tradicional rivalidade entre as duas cidades, afirmada por alguns moradores: *Veja a Igreja Matriz. Aqui sempre foi bispado. Desde que houve a escolha, a sede de bispado veio para São Carlos em detrimento de Araraquara que já era uma cidade melhor, na época, e isso inclusive deixam os araraquarenses muito mordidos* (Senhor Daniel, 65).

Eu me lembro muito do velho palácio do bispo. Nós íamos sempre visitar o palácio porque tinha uns pavões que ficavam em cima do muro. Aquilo ficou gravado. Toda vez que a gente passa por ali, que ali é um pedaço do Banco do Brasil, eu lembro daquele portão grande cheio de grade e os pavões andando lá em cima. A imagem da infância! (Dona Carla, 80, São Carlos)⁵.

Dos lugares de trabalho, as fábricas foram lembradas em São Carlos em especial pela impressão de pujança que emprestavam à cidade. O bonde foi lembrado associado aos nascentes bairros operários: *O bonde servia os operários. Ali perto da estação tinha uma grande fábrica de tecidos, do lado tem a fábrica de lápis. Eu estou em São Carlos desde 27 e nessa época já tinha a fábrica de lápis* (Dona Betina, 87, São Carlos).

A cidade sempre foi operária. E os operários sempre se serviram do bonde. Dos lenheiros, do pessoal que ganhou dinheiro fornecendo lenha para a Companhia Paulista, tinha o Rosa, o pai do Wilson Marques. Essas famílias quase todas saíram de cena com a eletrificação da Paulista. A cidade sempre teve um impulso de agricultura inicial: o café, o lenheiro e mais gado, porque as terras aqui não são boas de plantio. Depois se introduziu esse esforço industrial que diferenciou a cidade das demais.(...) São Carlos foi uma das primeiras cidades do interior a ter indústria. Essa indústria de lápis é das mais antigas da cidade (Senhor Daniel, 65, São Carlos).

Quando chego em São Carlos em 1927, a cidade era pequena mas já tinha bonde, as ruas onde passavam bondes eram calçadas de paralelepípedos, mas nem todas. Mais o centro da cidade. As linhas do bonde é que levavam o crescimento da cidade. A estação dos bondes era aqui embaixo. Agora aqui já se considera centro, a Vila Néry já se esticou mais. Aqui era Vila Néry, era bairro, bem fim de linha. Porque essas casas ainda não tinham, era tudo mato (Dona Betina, 87, São Carlos).

Nas lembranças, casas, ruas, igrejas, escolas, clubes, jardim, bonde, fábricas, comércio, trem, estação, rio, vão aparecendo, às vezes sem ordem, às vezes isoladamente, mas configurando um todo integrado. Os lugares vividos e lembrados têm alma, têm coração. Mesmo aos lugares não construídos pelo homem se atribui alma: “'O rio Gregório tem alma', disse certo são-carlense que escreveu sobre esse córrego. Quando está zangado, transborda como o Nilo” (Lima, 1992, p.62).

Nas lembranças, a cidade é um conjunto de lugares em relação. Em São Carlos, o bonde simbolizava a integração de bairros distanciados que estavam ligados pelas funções que desempenhavam: os bairros de residência dos operários, a Santa Casa, o cemitério, a estação, os bairros centrais que eram comerciais e industriais, os locais próximos à estação onde estavam as grandes fábricas. Em Itirapina, os lugares se alcançavam a pé, as pessoas se conheciam ao olhar. O que estava distante, as outras cidades, era atingido e integrado pelo trem.

Pelas lembranças, é possível apreciar “as situações concretas nas quais se acha implicado o homem de cada dia na trama da vida coletiva” (Duvignaud, 1990, p.16). É possível, portanto, perceber como, “no meio da trama coletiva da existência, surge e se impõe a individuação (Duvignaud, 1990, p.17). Para Durkheim (1989), cada um dos corpos, ao ocupar pontos diferentes no tempo e no espaço, “constitui um meio especial onde as representações coletivas vêm se retratar e se colorir diferentemente” (p.331). Os pontos diferentes no tempo e no espaço são definidos socialmente, e tais definições qualificam e dão conteúdo aos corpos, a tudo que entra pelos sentidos: cheiros, sons, imagens. Os corpos, assim, qualificam-se socialmente, na medida em que as sensações não são meramente físicas mas são carregadas de significados sociais, e na medida em que os pontos diferentes no tempo e no espaço por eles ocupados são definidos socialmente.

A busca da individuação pela memória e pelo corpo mostra, portanto, a presença do social em cada um. Em cada um está presente a alma da coletividade, uma outra unidade que não o corpo, princípio de individuação. A construção do indivíduo não se opõe, dessa forma, à construção desse fator impessoal um mundo de idéias e de sentimentos que constituem a unidade moral do grupo. Um e outro são constitutivos da pessoa. Nas entrevistas realizadas, esse mundo, essa unidade que se reconhece pelo corpo e pela memória, se identifica com a cidade. É a cidade que têm cheiros, sons, sabores, imagens que penetram pelo corpo e se transformam em lembranças. A combinação de cheiros, sons, sabores e imagens é única e assim caracteriza uma única cidade.

O que confere identidade a uma cidade são, portanto, os esperados fatores de individuação: são as sensações que penetram pelo corpo, é a memória que confere significado às sensações, são as lembranças que as reconstróem no presente. É aquela cidade, e não outra, que é constituída por aquelas sensações, por aquelas pessoas, por aqueles lugares,

por aqueles encontros. A cidade é extensão do indivíduo. Um e outro são tecidos, pode-se dizer, pelas mesmas representações.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo (1993). *História da arte como história da cidade*. São Paulo. Martins Fontes.
- DURKHEIM, Émile (1989). *As formas elementares da vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)*. São Paulo, Paulinas.
- ____ (1970). *Sociologia e Filosofia*. Rio, Forense.
- ____ (1971). *As regras do método sociológico*. São Paulo, Nacional.
- ____ (1973). *O suicídio. Estudo sociológico*. Portugal/Brasil, Editorial Presença/ Martins Fontes.
- ____ (1991). *A divisão do trabalho social*. Lisboa. Presença.
- DUVIGNAUD, Jean (1990). Prefácio. In: Halbwegs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/ Ed. Revista dos Tribunais.
- LIMA, Prof. Nelson C. (1992). *Relances de uma vida*. São Carlos. Não publicado.
- ____ (1998). O "Boulevard". *Primeira Página*. São Carlos, 5 de fevereiro. Suplemento "Cultura" p. C.4.
- MAUSS, Marcel (1974). As técnicas corporais. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP, 1974, vol. II
- PAIS, José Machado (s/d) *O enigma do fado e a identidade luso-afro-brasileira*. Trabalho apresentado no IV Congresso Luso-afro-brasileiro realizado em 1996 no Rio de Janeiro.
- PERROT, Michelle (1995). Maneiras de morar. In: PERROT, Michelle et alii. *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo. Companhia das Letras.
- POLLACK, Michel (1989). (1992). *Memória e identidade social*. In: *Estudos históricos*. Rio, APDOC, vol. 5. N.10.

****Maria Inês Rauter Mancuso** é professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar.